

Exposição mostra duelo da saúde pública contra indústria

De um lado, as organizações brasileiras ligadas à saúde pública. Do outro, a indústria tabagista. Esse verdadeiro embate pôde ser visto por quem passou pela estação Carioca do metrô entre os dias 27 de agosto e 8 de setembro, quando ficou em cartaz a exposição *O Controle do Tabaco no Brasil: Uma Trajetória*. A ação fez parte das comemorações do Dia Nacional de Combate ao Fumo, celebrado em 29 de agosto.

Por meio de 22 painéis fotográficos, a exposição apresentou os esforços da saúde pública contra os estímulos à prática de consumir cigarros. Foram exibidas campanhas criadas por órgãos governamentais preocupados com os malefícios decorrentes do consumo prolongado do tabaco, bem como estratégias usadas

pela indústria tabagista para seduzir o público, como cartazes, propagandas e inserções no cinema.

A exposição também apontou evidências históricas de como o consumo do tabaco se tornou cada vez mais intenso com a industrialização e o crescimento urbano. As mudanças incentivaram os brasileiros, dos mais variados segmentos sociais, a utilizar diferentes formas de tabaco, desde os mais caros charutos e cachimbos até os mais baratos e nocivos cigarros de rápido consumo, passando pelos rapés e fumos de rolo.

Uma parte da exposição foi dedicada aos danos que o tabagismo provoca ao meio ambiente. As substâncias tóxicas da fumaça do cigarro e o descarte das guimbas – estimado hoje em seis trilhões de unidades – causam a poluição de rios, mares e

matas. A produção do cigarro contribui para o desmatamento, já que a madeira das árvores é utilizada como combustível para alimentar os fornos à lenha e as estufas que secam as folhas do fumo antes de serem industrializadas. Calcula-se que, para cada 300 cigarros produzidos, uma árvore é queimada.

Painéis também mostraram a relação entre a indústria tabagista e os trabalhadores rurais. Nas plantações de fumo, os agricultores trabalham com exposição aguda e crônica a agrotóxicos que causam diversas doenças. Muitos sofrem também da doença da folha verde, provocada pela nicotina, absorvida pelo contato direto com as folhas de tabaco. Entre os sintomas estão tonteira, dor de cabeça, náuseas, diarreia, dificuldade respiratória, sudorese e

Narguilé: um lobo em pele de cordeiro

O Dia Nacional de Combate ao Fumo, ao mesmo tempo em que celebrou a redução da prevalência de fumantes no Brasil nos últimos anos – de 32,6% em 1989 para 15,1% em 2010 –, foi uma oportunidade para lembrar que a indústria tabagista tem usado estratégias para atrair os jovens com outros produtos que não são o cigarro. Um deles é o narguilé. Trata-se de um cachimbo de origem oriental, composto de um forninho, onde o fumo é queimado; um recipiente com água perfumada, pelo qual o fumo passa antes de chegar à boca, e um tubo, por onde a fumaça é aspirada pelas várias pessoas que compartilham uma sessão. Existem hoje

no Brasil quase 300 mil consumidores do produto.

Como qualquer outro derivado do tabaco, o narguilé contém nicotina e as mesmas 4.700 substâncias tóxicas do cigarro convencional. Porém, análises comprovam que, em comparação à fumaça do cigarro, a do narguilé possui quantidades superiores de nicotina, monóxido de carbono, metais pesados e substâncias cancerígenas. Além disso, o produto contém carvão em brasa. A queima do carvão produz substâncias cancerígenas, bem como monóxido de carbono, potencializando os riscos para os consumidores.

Engana-se quem pensa que a água usada no narguilé filtra as impurezas do tabaco. Na verdade, a

água absorve cerca de 5% de nicotina, quantidade suficiente para que os consumidores se tornem dependentes da droga. “Por desconhecimento dos usuários, a presença da água faz com que se aspire ainda mais a fumaça, dando a impressão de que o organismo fica mais tolerante, o que é errado. Desse modo, a pessoa vai inalando uma quantidade muito maior de toxinas, sem sentir tanto incômodo”, explica Ricardo Meirelles, pneumologista da Divisão de Controle do Tabagismo e de Outros Fatores de Risco do INCA.

De acordo com o especialista, uma sessão de narguilé expõe o consumidor à inalação de fumaça por um período muito maior do que quando fuma um cigarro. O volume de tragadas do cachimbo pode chegar a 1.000 ml em uma sessão de uma hora. Já o volume de tragadas do cigarro alcança de 30 ml a 50 ml entre cinco e sete minutos. “Uma simples sessão de narguilé consiste em uma centena de ciclos de tragada.

tabagista

flutuações da pressão arterial e da frequência cardíaca. Os trabalhadores são submetidos a condições precárias de trabalho e é comum o uso de mão de obra infantil familiar.

Nos últimos dez anos, o tabaco matou 50 milhões de pessoas no mundo. O produto é responsável por mais de 15% de todas as mortes de homens adultos e por 7% dos óbitos de mulheres. No Brasil, um em cada cinco homens e uma em cada dez mulheres morrem devido ao fumo.

Em 2011, o país gastou R\$ 21 bilhões no tratamento de pacientes com doenças relacionadas ao tabagismo. O valor equivale a 30% do orçamento do Sistema Único de Saúde (SUS) e foi 3,5 vezes superior ao arrecadado pela Receita Federal com produtos derivados do tabaco.



A mostra apresentou os esforços da saúde pública contra os estímulos à prática de consumir cigarros

Alguns exemplos de materiais utilizados em ações do INCA no combate ao tabagismo



Podemos afirmar que, em uma sessão, o fumante inala uma quantidade de fumaça equivalente ao consumo de 100 cigarros ou mais", alerta Ricardo Meirelles.

Socialização atrai jovens

A pesquisa Vigilância de Tabagismo em Escolares (Vigescola), do Ministério da Saúde, que ouviu estudantes de 13 a 15 anos, comprova a popularização do narguilé entre os adolescentes. Em São Paulo, 93,3% dos entrevistados que consomem outros produtos do tabaco fumado, além do cigarro industrializado, declararam usar o cachimbo oriental com maior frequência.

A coordenadora da Divisão de Epidemiologia e Vigilância do INCA, Liz Almeida, chama a atenção para o fato de o narguilé poder ser usado simultaneamente por até seis pessoas, o que reforça o aspecto da socialização.

"Isso torna o uso muito atrativo para os jovens", afirma.

Um dos responsáveis pelo recorte da pesquisa, o epidemiologista André Szklo pondera que o decréscimo da prevalência de fumantes de cigarros no país pode significar também uma migração do consumo para outros produtos do tabaco fumado, particularmente entre os adolescentes estudantes. "Os resultados da pesquisa mostram o dinamismo da indústria em buscar alternativas para as ações de controle do tabaco vigentes nos países e tentar atrair novos consumidores", avalia.



O INCA quer conhecer você e publicar o que você quer ler.

Sugira um assunto para este e outros meios de comunicação interna do INCA. É fácil: basta escrever para comunicacao@inca.gov.br.

Se preferir, você pode entrar em contato com a Comunicação pelos telefones 3207-5963/5962.

Participe!